

## **O TEATRO MARINGAENSE SOB A PERSPECTIVA DA IMPRENSA LOCAL (1976-1977)**

*Ana Roberta Marccone de Araujo<sup>1</sup>, Elaine Rodrigues<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação na Educação, Universidade Estadual de Maringá – UEM. anaarobertaa14@gmail.com

<sup>2</sup>Orientadora, Doutora, Departamento de Pedagogia, Programa de Pós-Graduação em Educação, UEM/UNIFCV. elainepeuem@gmail.com

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar a história do teatro maringaense, de junho de 1976 a setembro de 1977, período selecionado em virtude dos registros históricos encontrados no município de Maringá. O estudo desenvolve uma análise das publicações do O Diário do Norte do Paraná e do Folhetim CENA. Na tentativa de compreender o movimento teatral desse período, as perguntas que mobilizaram a pesquisa foram: como os impressos retrataram o movimento teatral da época? Qual foi a contribuição deles para com o movimento teatral? Para isso, verificou-se a trajetória do teatro maringaense exposta nas matérias selecionadas nos impressos, como: os festivais, cursos de teatro, a possível Construção da Casa da Cultura de Maringá e instauração da subsele da FITAP. Além disso, analisam-se as convergências e controvérsias do movimento teatral encontradas no O Diário e no Folhetim CENA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura; História da Educação; Imprensa; Teatro Maringaense.

### **1 INTRODUÇÃO**

A cidade de Maringá, local de desenvolvimento do estudo, foi fundada em 1947 e emancipada em 1951. Sua localização em um espaço plano facilitou o planejamento urbano, tornando-se um dos principais centros econômicos do Norte do Estado do Paraná. A arte esteve presente na escolha do nome da cidade, pois a composição da canção “Maringá”, de Joubert de Carvalho, em 1931, foi a inspiração. Pela arte, pela música, surgiu a Cidade Canção.

A movimentação teatral de Maringá- PR inicia-se, na década de 1950, com a chegada na cidade do jovem Calil Haddad e a sua vontade de criar um grupo de teatro amador. De acordo com o historiador Leal (2016), Haddad iniciou uma amizade com Victor Andreatta, o qual lhe ensinou as técnicas de direção artística. A amizade entre eles foi essencial para a formação do grupo Teatro Maringaense de Comédia (TMC), comandado pelo próprio Calil Haddad.

O fomento da arte teatral em Maringá, na década de 1950, ocorreu em larga medida por conta da passagem pela cidade de companhias teatrais de renome nacional, como a Companhia de Procópio Ferreira e a Companhia de Cacilda Becker. Os grupos formados, nessa época, não contavam com o patrocínio financeiro e nem com espaço para realizar o trabalho artístico. Essas dificuldades não impediram os avanços do movimento teatral, assim como ocorria em todo país, pois mesmo sob forte repressão, os grupos de teatro amador surgiam aqui e ali.

Em todo o país, as manifestações culturais estavam sendo censuradas e o teatro foi “[...] erigido num dos inimigos públicos mais declarados, e, por conseguinte, tratado com sistemática desconfiança, hostilidade, e não raras vezes com brutalidade” (MICHALSKI, 1979, p. 8-9), mesmo os dramaturgos e atores não explicitando em suas obras a vertente política oposicionista ao regime que os influenciava.

Na década de 1970, em pleno regime militar, o movimento teatral maringaense ganhou projeção, sendo marcado por grandes acontecimentos, tais como: formação de grupos de teatro amador, realização de festivais e cursos, fundação da subsele da Federação Independente de Teatro Amador do Paraná (FITAP), publicação do Folhetim CENA, aprovação de patrocínio e pela luta dos artistas por um espaço físico. Dessa forma,

a pesquisa objetiva investigar a história do teatro maringaense por meio da imprensa local, de junho de 1976 a setembro de 1977. Com a hipótese de que o movimento teatral maringaense foi expressão de resistência nesse período, as perguntas que nos moveram foram: Como os impressos retrataram o movimento teatral da época? Qual foi a contribuição deles para com o movimento teatral?

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os caminhos percorridos na busca por fontes para a pesquisa foram variados, contudo, foi no Patrimônio Histórico do Município de Maringá, que encontramos alguns documentos – principalmente jornais – que retrataram fatos relacionados ao movimento teatral no período pesquisado. Esses registros foram encontrados em três jornais de Maringá, no período de 1964 a 1985 e estão preservados no Patrimônio Histórico do Município, são eles: A Folha do Norte do Paraná, O Diário do Norte do Paraná e O Jornal de Maringá. Nesse primeiro momento, tivemos contato com a obra, financiada pela própria Prefeitura, *História artística e cultural de Maringá 1936-1990* e com seu autor, o historiador João Laércio Lopes Leal. Na oportunidade, informalmente, o historiador destacou a importância do movimento teatral da cidade no período da Ditadura Militar. Segundo ele, a década de 1970 pode ser considerada a época na qual o teatro maringaense mais cresceu e se fortaleceu. Escolhemos então, o jornal O Diário do Norte do Paraná como fonte da pesquisa, pela sua importância na história da imprensa local e pelo número de matérias publicadas acerca do teatro em 1976-1977. Além disso, o historiador disponibilizou o Folhetim CENA para a realização da pesquisa.

Tendo em vista que a imprensa institucional é permeada por múltiplas vozes e algumas possuem maior força, interferindo na definição dos conteúdos das publicações, buscamos trabalhar com os dois impressos, tanto com o jornal O Diário, considerado hegemônico e o Folhetim CENA, escrito por membros dos grupos de teatro amador de Maringá, com uma visão alternativa. De acordo com Capelato (1988, p. 10), os folhetins alternativos “[...] expressam projetos e reivindicações das classes trabalhadoras e grupos minoritários”. Logo, conhecemos as representações desses artistas em relação ao teatro maringaense.

Chartier (1991) afirma que as representações são alteradas dependendo do local que se encontram, pois é a partir delas que conseguimos compreender as práticas de um determinado grupo social. Tornando presente, o que estava ausente no meio social, por conta da representação.

Em cada grupo social existem individualidades, memórias e histórias, dessa forma, reconheceremos na pesquisa a história do movimento teatral permeada por vozes, poderes, representações e cultura. Para Hall (2007), o conjunto das práticas sociais expressam um significado tanto para quem as realiza quanto para quem as observa. Em decorrência dessa concepção, compreende-se que os indivíduos pertencem à mesma cultura, pois “[...] interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro” (HALL, 2007, p. 20). O que importa, então, nessa concepção, é o significado que as pessoas atribuem à prática social, sendo assim, a sua cultura.

Dessa forma, com os jornais selecionados - O Diário do Norte do Paraná e o CENA -, conseguimos traçar o panorama do movimento teatral do período (1976-1977), por meio dos fatos jornalísticos que cada grupo decidiu publicar, categorizando então as principais informações.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O teatro maringaense, no recorte selecionado, contava com doze grupos de teatro, segundo as publicações do O Diário: GRITA, TEMI, TEC, UNIMAR, GRUPAPE, PERERÊ, CRISJOBEL, AMTA, GETA, NOSSO TEMPO, MUNDIAL e ASAS DO VENTO. Os grupos criados em Maringá são reflexos do movimento amador desenvolvido a partir de 1940, de grande destaque em centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco.

Os grupos eram participantes ativos dos movimentos da região, como por exemplo: nos cursos e festivais de teatro. É necessário então reconhecer que, mesmo a maioria não recebendo incentivo do poder público municipal, eles fortaleceram o movimento teatral de Maringá e conquistaram um espaço cultural na sociedade. Corroborando com Peixoto (1980, p. 30) que afirmava “A resposta vem dos jovens em sua maioria, e são os jovens que compõem a maioria do teatro brasileiro: um teatro nacional”. Na época, haviam grupos formados por professores, jovens religiosos, jovens secundaristas e trabalhadores.

E a resposta foi de um grupo categorizado com tom “inconformado” em plena ditadura militar. O TEMI, no dia 12 de junho 1976, foi reconhecido como de utilidade pública pela Câmara Municipal de Maringá, conforme Lei 1.126/1976. Segundo Leal (2016), a partir desse momento, o grupo teatral passou a fazer parte do orçamento da cidade e, de acordo com O Diário, iria receber todos os demais benefícios da lei. Sendo assim, uma grande conquista para os grupos amadores que lutavam por reconhecimento e fomento a cultura.

Por meio das matérias do O Diário conseguimos verificar que os grupos apresentaram peças em diversos festivais, como por exemplo, o Festival de Londrina – atualmente FILO – e o Festival Itinerante de Teatro Amador (FIT). Além disso, no ano de 1977, a Secretaria de Cultura e Turismo de Maringá organizou a Temporada de Verão, com cursos preparatórios e apresentações custeadas pelo poder municipal.

O jornal O Diário constantemente publicava sobre a movimentação teatral na cidade, muitas vezes relatando experiências grandiosas dos grupos de teatro amador maringaense e outras vezes, incitando que a cultura teatral de Maringá ainda era fraca, enquanto, exaltava grupos dos grandes centros. Contudo, até junho de 1977 a versão dos grupos amadores sobre a movimentação teatral não era divulgada pela imprensa, fato que se alterou com a criação da subsede da FITAP.

A FITAP, no fim da década de 1970, começou a expandir seu trabalho nas regiões, para assim, alinhar com os grupos amadores uma força teatral no Paraná. Dessa forma, os grupos criaram sua subsede na cidade no ano de 1977 e foram definidas algumas ações como: a criação do Folhetim Cena e encontros mensais para trocas de experiências. Nessas reuniões, eram apresentados trabalhos finalizados ou em desenvolvimento, seguidos de debates, dessa forma, fomentando ainda mais a arte teatral maringaense.

Apesar de algumas conquistas, ainda havia uma reivindicação forte dos artistas por um espaço físico para a prática da arte teatral. Em 1965, no jornal A Folha do Norte do Paraná, encontrou-se uma nota solicitando a construção de um espaço teatral, medida vista como inadiável para a cidade, contudo, nenhum espaço fora construído. Ainda em 1977 verificam-se discussões acerca do tema. O jornal O Diário relatava um esforço imensurável por parte do poder público para a construção de um espaço, propondo inicialmente a construção da Casa da Cultura. Entretanto, a história relatada pelo Folhetim Cena é diferente. Para eles, a caminhada de discussões estava exaustiva e desanimadora, pois a cada mês havia uma alteração no plano estrutural, não contemplando as necessidades dos artistas.

As publicações do CENA demonstram a realidade do movimento teatral, expõem as contradições entre grupos e principalmente denunciam a falta de interesse do poder público em concretizar os anseios da categoria. Já para O Diário, a cultura de Maringá ainda deveria ser institucionalizada, por isso, muitas vezes, as publicações exaltavam o teatro de fora da cidade e apoiavam as ações do poder municipal. O movimento cultural já existia, contudo, não era como o jornal desejava, sendo assim, havia um distanciamento entre as práticas

sociais que formam a cultura dos artistas e as concepções de cultura postas no O Diário. Por conta disso, em alguns momentos, os trabalhos dos artistas eram desconsiderados pela imprensa local.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pela análise das publicações dos impressos, reconstruímos a história do movimento teatral do período, destacamos o protagonismo dos grupos de teatro amador e constatamos que o movimento promovia um teatro de resistência em virtude das arbitrariedades cometidas pelos militares contra os artistas, os grupos e o teatro, além da falta de incentivo público. Há de se ressaltar a relevância desses grupos por algumas razões, quais sejam: não contavam com o financiamento público ou privado; não possuíam infraestrutura para realizar ensaios e apresentações; a maioria dos atores eram estudantes ou trabalhadores, portanto, impossibilitados de dedicação exclusiva ao teatro. Esses grupos, além de promover o teatro, embrenhavam-se nas lutas políticas junto ao poder público municipal, estadual e federal para conquistar os recursos financeiros, os espaços, materiais, enfim, os recursos necessários para o desenvolvimento do trabalho artístico.

Ressaltamos que o jornal O Diário apresentava concepções acerca das artes cênicas que coadunam com as dos dramaturgos, atores e atrizes de Maringá e destacava a efervescência cultural e as ações do movimento teatral da cidade. No entanto, observamos que, possivelmente, para proteger os representantes do poder público municipal e suas promessas não concretizadas, o jornal abordava questões postas pelo movimento acerca de suas necessidades de forma superficial e desprovida de avaliação crítica. A Secretaria de Cultura e Turismo interagia com a classe artística, ouvia suas reivindicações, firmava compromissos, mas não os efetivava, como é o caso da reivindicação da construção da Casa da Cultura. Da forma como O Diário abordou essa questão, o leitor é conduzido a acreditar nas novas promessas para justificar o não cumprimento das anteriores.

Diferentemente do O Diário, o Folhetim CENA expõe as contradições da relação do movimento teatral com o poder público. Na perspectiva dos artistas, as atitudes dos dirigentes de cultura municipal não passavam de promessas. É possível perceber então, que os artistas não eram ouvidos, nem pelo poder público, nem pela imprensa institucional. Sendo assim, consideramos que o teatro maringense, no período militar (1964-1985), foi um teatro de resistência por todas as ações realizadas.

#### **REFERÊNCIAS**

CAPELATO, M. H. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1 abr. 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

LEAL, J. L. L. **História Artística e Cultural de Maringá**. Maringá: Imprima Conosco, 2016.

PEIXOTO, F. **O que é teatro**. Brasiliense. 1980

MICHALSKI, Y. **O palco amordaçado**. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.